

GRUPOS ABERTOS NA CLÍNICA PSICOLÓGICA UNIVERSITÁRIA E A PROMOÇÃO DA SAÚDE

Maíra Bonafé Sei¹ (✉ mairabonafe@gmail.com) & Daniel Polimeni Maireno¹

¹ Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil

A profissão de psicólogo no Brasil foi regulamentada por meio da Lei n. 4.119 (1962, 27 de agosto) e por meio dela foram criadas as clínicas psicológicas universitárias, como espaço para o desenvolvimento das atividades práticas vinculadas aos cursos de graduação em Psicologia. Compreende-se que estes serviços organizam-se a partir de três diferentes objetivos: ensino, contribuindo para a formação do psicólogo dada as práticas supervisionadas que podem ser empreendidas nestes espaços; extensão, com as intervenções ofertadas à população; pesquisa, por meio do desenvolvimento de investigações diversas (Cerioni & Herzberg, 2016). Neste sentido, dois são os públicos atendidos pelas clínicas psicológicas universitárias: os estudantes de Psicologia e os setores da sociedade em que se insere, sendo importante a articulação entre as necessidades da formação proposta e as necessidades sociais da região em que estes serviços estão inseridos (Amaral et al., 2012).

Apesar da diversidade de atividades disponíveis à população, denota-se que a psicoterapia individual ainda se mostra como o principal tipo de intervenção clínica solicitada pela população. Tal fato reverbera em uma extensa fila de inscritos à espera para o início da psicoterapia. Este processo de aguardar pelo atendimento gera, frequentemente o abandono do serviço, que pode ocorrer antes da primeira entrevista de triagem ou após o início da psicoterapia (Cerioni & Herzberg, 2016).

Diante deste cenário e como uma forma de promover a vinculação com a instituição, Guerrelhas e Silveiras (2000) propuseram a realização de grupos de espera com crianças, de caráter fechado, com foco no brincar e sem uma finalidade psicoterapêutica. Perceberam que esta proposta favoreceu a vinculação das famílias com a clínica psicológica da

universidade onde a atividade aconteceu (Guerrelhas & Silveiras, 2000), algo que aponta para a pertinência de estratégias similares. Apesar destes grupos lúdicos não possuírem, de acordo com as autoras, a finalidade de mudança comportamental nas crianças (Guerrelhas, Bueno, & Silveiras, 2000), compreende-se, a partir de uma perspectiva winnicottiana (Winnicott, 1975), que o próprio brincar pode ser favorável ao desenvolvimento individual, estimulando a criatividade, espontaneidade e consequentemente a saúde.

Promoção da Saúde

A Promoção da Saúde no Brasil conta com uma Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), cuja proposta foi redefinida por meio da Portaria nº 2.446, de 11 de novembro de 2014 (Ministério da Saúde, 2014). Tal documento aponta para a solidariedade, felicidade, ética, respeito às diversidades, humanização, corresponsabilidade, justiça social, inclusão social como valores necessários à efetivação da PNPS. São propostos alguns temas transversais entendidos como referências neste cenário e entre eles destaca-se a promoção de saúde e cuidado, que aponta uma ideia de saúde ampliada, com práticas pautadas na integralidade do cuidado e da saúde. Propõe-se, ademais, criar oportunidades de convivência, fortalecimento de vínculos e construção de práticas solidárias.

Tendo em vista esta proposta, compreende-se que a Psicologia pode desenvolver intervenções que visem contribuir para a realização de determinadas atividades no campo da prevenção da doença e da promoção à saúde. Santos, Quintanilha e Balbello-Araujo (2010) discorrem sobre a atuação do psicólogo na promoção da saúde, investigando práticas desenvolvidas em Vitória, Estado do Espírito Santo, Brasil. Apontam que, apesar de práticas afins à promoção da saúde estarem sendo desenvolvidas no campo da atenção básica em saúde, como grupos com tabagistas e grupos de mulheres, ainda se nota a persistência de ações de caráter individual privado (Santos, Quintanilha, & Balbello-Araujo, 2010), algo que ressalta a importância do cuidado na formação dos futuros psicólogos.

Como exemplos de ações de promoção da saúde, apresenta-se o trabalho de Sei (2016) com um grupo aberto, heterogêneo, de caráter comunitário, desenvolvido em um centro de convivência a partir de uma demanda de obesidade infantil identificada por unidade de saúde da

região. A proposta inicial foi de realizar grupos com crianças, com intervenção intitulada como Oficinas de Saúde e Expressão, tendo havido posterior abrangência da família como um todo, quando a atividade passou a ser intitulada como Artes em Família. As atividades propostas faziam uso de recursos artístico-expressivos com dinâmicas que implicaram no uso de histórias, construção de brinquedos, jogo do rabisco, delineamento do próprio corpo, dentre outras (Sei, 2016), com o intuito de promover saúde dos participantes.

Proposta similar foi realizada por Cintra e Macul (2006) com arteterapia na sala de espera de um centro de atenção a refugiados, com atuação com crianças, adolescentes, adultos e idosos. As autoras compreenderam que a arteterapia se configurou como uma intervenção pertinente por não colocar a comunicação verbal em primeiro plano, lembrando se tratar de pessoas advindas de outros países e que possivelmente ainda não se comunicavam bem em português.

Klein e Guedes (2008) discorrem sobre grupos abertos com gestantes, realizados com o intuito de compartilhar informações e reflexões sobre as mudanças experienciadas durante a gestação. Os encontros grupais dividiam-se se três momentos que incluíam a apresentação das participantes, palestra interativa com discussão de temas concernentes à esta etapa do ciclo vital e finalização incluindo a avaliação do encontro. Observaram que esta proposta de promoção da saúde complementou a assistência pré-natal oferecida, com espaço para expressão de angústia, ambivalências, preocupações, proporcionando alívio às participantes.

Diante deste panorama, entende-se ser pertinente a realização de ações desta natureza em clínicas psicológicas universitárias. Seria possível assim ampliar o acesso da população ao serviço, contribuindo para a construção de um olhar da Psicologia pautado não apenas no tratamento e reabilitação da saúde. Além disso, pode-se contribuir para a formação do futuro psicólogo ao ampliar o olhar acerca das técnicas de intervenção em Psicologia, capacitando os discentes para o desenvolvimento de ações de promoção da saúde, por meio de estratégias grupais. Tendo em vista a experiência com os grupos de espera propostos por Guerrelhas e Silvares (2000) e a oficina de saúde e expressão desenvolvida por Sei (2016), foram ofertados Grupos de Dinâmicas, para crianças, adolescentes e adultos, na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Assim, este trabalho almeja fazer uma análise crítica da

experiência advinda dos Grupos de Dinâmicas, cujos encontros acontecem desde 2015 até o presente momento, na referida clínica universitária, compreendendo-o como uma interessante estratégia para promoção da saúde (Ministério da Saúde, 2014) e acolhimento da população que busca o serviço.

DISCUSSÃO

Os Grupos de Dinâmicas consistem em grupos abertos a quaisquer interessados da comunidade interna à universidade (estudantes, funcionários e familiares de funcionários) e externa à universidade (encaminhados por serviços de saúde ou que buscam espontaneamente o serviço), sendo classificados como grupos comunitários, sendo que para Zimerman (2000), os “*grupos comunitários são utilizados na prestação tanto de cuidados primários de saúde (prevenção), como secundários (tratamento) e terciários (reabilitação)*” (p. 59).

Os Grupos de Dinâmicas dividem-se por faixas etárias, assim, há os Grupos de Crianças, direcionados à participação de crianças até 11 anos de idade, Grupos de adolescentes, para participantes com idade entre 12 e 17 anos, Grupos de Adultos, para interessados a partir de 18 anos de idade. Quanto às atividades, são realizados encontros semanais com duração de uma 1h30min, em dois horários diferentes, manhã e tarde, para ampliar o acesso de possíveis interessados.

Por ser um grupo aberto, não pressupõe um número fechado de encontros ou possui um número estabelecido de participantes e critérios de inclusão destes, que implica em grade heterogeneidade dos participantes. Como exemplo, tem-se o grupo infantil que conta com um público composto por crianças encaminhadas por unidades básicas de saúde, filhos de funcionários da universidade e crianças com transtornos invasivos do desenvolvimento. Em consonância, participam do grupo de adultos desde pais ou avós de crianças que integram o grupo infantil, até irmãos de funcionários da universidade, pessoas com transtornos mentais encaminhadas pelo Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e estudantes da universidade.

No que se refere à organização das ações, a cada encontro é proposta uma atividade ou um tema para discussão dos presentes no dia, pressupondo um início e término da proposta no mesmo encontro, haja vista que os participantes podem vir a apenas um encontro sem retornar posteriormente, ou podem permanecer ausentes, voltando a frequentar os encontros conforme desejo e disponibilidade. Não há, assim, uma inscrição prévia dos participantes que podem chegar no horário da atividade e participar do encontro grupal. Com isso, os coordenadores devem ter uma disponibilidade para lidar com as incertezas haja vista tanto a oscilação em relação ao número de integrantes a cada semana, quanto a heterogeneidade das características dos participantes (Skitnevsky, Trevisan, Paiva, Sei, & Maireno, 2017; Zanluqui, Ortolan, Fornasier, & Sei, 2017).

Cada grupo possui de dois a três coordenadores, dependendo da especificidade do público e do número aproximado de usuários. Todos os grupos ocorrem de forma concomitante, entendendo-se que, ao se realizar as atividades no mesmo dia e horário, oportuniza-se que familiares compareçam juntos e cada um participe do grupo adequado ao seu perfil. Cardoso e Munhoz (2013) discorrem sobre um grupo de espera realizado com pais de crianças inscritas no atendimento psicológico de uma clínica universitária. Fizeram uso de ferramentas da arteterapia e puderam observar que a intervenção realizada favoreceu a diminuição da ansiedade em relação ao atendimento dos filhos e a compreensão acerca da problemática enfrentada. A importância de um lugar de acolhimento para pais de crianças atendidas é defendido também por Silva, Ortolan e Sei (2017b), que apontam para o desejo dos pais compreenderem o que se passa com os filhos, além de disporem de um espaço para colocarem suas próprias angústias.

Outra intervenção que integra o projeto de extensão referente ao Grupo de Dinâmicas é o grupo de sala de espera, cujo foco recai nas atividades artístico-expressivas desenvolvidas a cada encontro na própria sala de espera da Clínica Psicológica da UEL. Em relação ao grupo de sala de espera da Clínica Psicológica da UEL, procura-se com esta ação ofertar um espaço de interação social, construção de laços afetivos, desenvolvimento de habilidades manuais e respeito às diferenças. Apesar de não possuir um foco no conteúdo das comunicações verbais dos participantes como em um grupo psicoterapêutico, nota-se o interesse de indivíduos que participam assiduamente dos encontros. Muito do material produzido

pelos participantes e coordenadores é exposto na própria sala de espera, ressignificando este espaço, que acaba por ganhar vida (Cintra & Macul, 2006) e gerar um sentimento de pertença aos participantes.

Os coordenadores dos Grupos de Dinâmicas são sempre discentes de Psicologia, capacitados por meio de supervisões grupais semanais com a presença de todos os coordenadores de grupos, de maneira que um possa conhecer o trabalho que o outro colega está desenvolvendo. A supervisão segue o referencial psicanalítico e, para inserção no projeto, os estudantes passam por um processo seletivo por meio do qual se avalia o interesse e disponibilidade em participar das atividades desenvolvidas.

Entende-se que os Grupos de Dinâmicas são um tipo de intervenção que se aproxima daquilo que é proposto na Política Nacional de Promoção da Saúde (Ministério da Saúde, 2014), haja vista o trabalho com a saúde ampliada, buscando a inclusão social e o respeito à diversidade, com atuação humanizada, pautada na ética e na solidariedade. Objetiva-se ofertar um espaço de convivência com o diferente, com reconhecimento de potencialidades, formação de redes e parcerias, por meio de práticas pautadas na integralidade do cuidado. Alianças são estabelecidas com serviços diversos do território, seja da saúde, assistência social ou educação, tais como unidades básicas de saúde, centros de atenção psicossocial, centros de referência em assistência social, escolas, dentre outros.

Zimerman (2000), ao propor uma classificação das modalidades grupais, indica que os grupos psicoterapêuticos são aqueles que possuem o objetivo de possibilitar a aquisição de *insight* por parte de seus participantes. Considera-se, assim, que os Grupos de Dinâmicas não se pautam em uma premissa psicoterapêutica prévia (Zimerman, 2000), haja vista seu caráter aberto e a ideia de que o participante pode comparecer em apenas um encontro. Por outro lado, tendo em vista os fatores terapêuticos propostos por Yalom e Leszcz (2006), nota-se que fatores como a aprendizagem interpessoal, oferecimento de informações, comportamento imitativo, desenvolvimento de técnicas de socialização, entre outros, que operam neste espaço.

Percebeu-se, ao longo dos dois anos desde a criação dos Grupos de Dinâmicas, que esta atividade favoreceu a promoção da saúde e se apresentou como um espaço de escuta e acolhimento da população. Até o momento foi realizada apenas uma pesquisa sistematizada sobre os

Grupos de Dinâmicas, que se deteve na avaliação especificamente do Grupo de Dinâmicas infantil a partir da perspectiva dos participantes e de seus responsáveis. A partir desta investigação, percebeu-se que crianças e seus responsáveis consideraram o Grupo de Crianças como um espaço de acolhimento, convivência e estabelecimento de vínculos (Silva, Ortolan, & Sei, 2017a). No que se refere à formação em Psicologia, compreende-se que os estudantes puderam ser capacitados para a condução de grupos abertos, que demanda flexibilidade e capacidade de adaptação do profissional (Skitnevsky et al., 2017; Zanluqui et al., 2017). Entende-se que após esta etapa de implementação dos Grupos de Dinâmica na Clínica Psicológica da UEL, com conhecimento desta intervenção por parte da população, faz-se pertinente o empreendimento de novas investigações, sistematizadas, para caracterização do público usuário do serviço, avaliação das ações e questões concernentes à coordenação destes grupos, ampliando a compreensão sobre esta prática e instrumentalizando propostas similares futuras.

REFERÊNCIAS

- Amaral, A. E. V., Luca, L., Rodrigues, T. C., Leite, C. A., Lopes, F. L., & Silva, M. A. (2012). Serviços de psicologia em clínicas-escola: Revisão de literatura. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 37-52. Recuperado em 30 de novembro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100005&lng=pt&tln=pt
- Cardoso, A. M., & Munhoz, M. L. P. (2013). Grupo de espera na clínica-escola: Intervenção em arteterapia. *Revista da SPAGESP*, 14(1), 43-54. Recuperado em 30 de novembro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702013000100006&lng=pt&tln=pt
- Cerioni, R. A. N., & Herzberg, E. (2016). Expectativas de Pacientes acerca do Atendimento Psicológico em um Serviço-Escola: Da Escuta à Adesão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), 597-609. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001402014>
- Cintra, M. E. R., & Macul, P. G. S. (2006). Uma experiência de Arteterapia aplicada em sala de espera de um Centro de Acolhimento para Refugiados. *Psicologia para América Latina*, (5) Recuperado em 30 de novembro de

- 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100016&lng=pt&tlng=pt
- Guerrelhas, F., Bueno, M., & Silveiras, E. F. M. (2000). Grupo de ludoterapia comportamental X Grupo de espera recreativo infantil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 2(2), 157-169. Recuperado em 30 de novembro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452000000200006&lng=pt&tlng=pt
- Guerrelhas, F. F., & Silveiras, E. F. M. (2000). Grupos de espera recreativos: Proposta para diminuir o índice de evasão em clínica-escola de psicologia. *Temas em Psicologia*, 8(3), 313-321. Recuperado em 28 de novembro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2000000300009&lng=pt&tlng=pt
- Klein, M. M. S., & Guedes, C. R. (2008). Intervenção psicológica a gestantes: Contribuições do grupo de suporte para a promoção da saúde. *Psicologia: Ciência e profissão*, 28(4), 862-871. Recuperado em 29 de dezembro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000400016&lng=pt&tlng=pt
- Lei n. 4.119 (1962, 27 de agosto). *Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo*. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado de em 28 de novembro de 2017, 2014, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119.htm
- Portaria Nº 2.446, de 11 de novembro de 2014. *Redefine a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS)*. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Recuperado em 29 de novembro de 2017, de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2446_11_11_2014.html
- Santos, K. L., Quintanilha, B. C., & Dalbello-Araujo, M. (2010). A atuação do psicólogo na promoção da saúde. *Psicologia: Teoria e prática*, 12(1), 181-196. Recuperado em 29 de dezembro de 2017, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100015&lng=pt&tlng=pt
- Sei, M. B. (2016). Práticas grupais com crianças: Uma proposta para a atenção básica em saúde. In D. P. S. A. Ribeiro, & J. L. F. Abrão (Orgs.), *Práticas grupais na infância: perspectiva psicanalítica* (pp. 79-91). São Paulo: Zagodoni.
- Silva, A. C. M., Ortolan, M. L. M., & Sei, M. B. (2017a). Considerações sobre o grupo de dinâmicas infantil da Universidade Estadual de Londrina: O grupo infantil na visão dos usuários. In *Discussões sobre a clínica extramuros: Quais são os settings possíveis? Resumos e textos completos da II Jornada de Práticas Clínicas em Psicologia* (pp. 124-127). Londrina: UEL.

- Silva, A. C. M., Ortolan, M. L. M., & Sei, M. B. (2017b). O lugar dos familiares no grupo de dinâmicas infantil da Universidade Estadual de Londrina. In *Discussões sobre a clínica extramuros: Quais são os settings possíveis? Resumos e textos completos da II Jornada de Práticas Clínicas em Psicologia* (pp. 159-164). Londrina: UEL.
- Skitnevszy, B., Trevisan, F. M., Paiva, G. C., Sei, M. B., & Maireno, D. P. A oferta de um espaço para convivência em um serviço-escola de psicologia: as especificidades desta experiência. In *Discussões sobre a clínica extramuros: quais são os settings possíveis? Resumos e textos completos da II Jornada de Práticas Clínicas em Psicologia* (pp. 67-72). Londrina: UEL, 2017.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Yalom, I. D., & Leszcz, M. (2006). *Psicoterapia de grupo: Teoria e prática*. Porto Alegre: Artmed.
- Zanluqui, L. V., Ortolan, M. L. M., Fornasier, S. B. R., & Sei, M. B. (2017). Grupo de dinâmicas com crianças na Clínica Psicológica da UEL. *Caminho Aberto: Revista de Extensão do IFSC*, 4(6), 65-68. Recuperado em 28 de novembro de 2017, de <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto/article/view/2069/pdf>
- Zimerman, D. E. *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre: Artmed, 2000.